



FORMAÇÃO NOMINAL E SIGNIFICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES ENUNCIATIVAS PARA A ABORDAGEM DAS ARTICULAÇÕES LINGÜÍSTICAS

NOMINAL FORMATION AND MEANING: ENUNCIATIVE CONTRIBUTIONS TO THE APPROACH TO LANGUAGE ARTICULATIONS

Anderson Braga do Carmo*
UEG

Em *Enunciação e relações lingüísticas* (2018), Luiz Francisco Dias nos apresenta uma incursão enunciativa sobre as articulações constituintes das formações nominais. A obra é resultado de um percurso de trabalho e pesquisa que soma mais de dez anos de investigação, e que foi construído a partir do empreendimento científico do autor no âmbito dos estudos enunciativos, com especial interesse pelas relações de significação.

Como pontua Dias (2018), “a identidade de uma produção acadêmica é algo que se constrói com a produção do pesquisador” (p.8), e é este amadurecimento sobre como as articulações lingüísticas constitutivas da nominalidade foram se erigindo e se consolidando em sua perscrutação pelos estudos enunciativos da linguagem que vemos refletir nestas 259 páginas.

Os primeiros traços do que se discute de forma mais consistente neste livro podem ser observados em 1996, com a publicação de *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*, resultado de sua tese de doutorado, defendida em 1995, na qual analisou os sentidos de língua brasileira nos debates em torno da ideia de mudança do nome da língua falada no Brasil na

década de 1930. Estabelecida na articulação da Semântica Enunciativa com as reflexões em História das Ideias Linguísticas, a questão das construções nominais já se configurava como âmbito de interesse do pesquisador, que se interrogava “pela demanda que torna a relação entre o ‘dito’ e o ‘dizer’ uma relação relativa ao acontecimento enunciativo” (DIAS, 1996, p. 44), apontando que os fatos constituem-se pela sua necessidade histórica, pela forma como são afetados pela memória discursiva. No entanto, o autor nos confia na introdução da obra que o seu interesse pelas relações linguísticas iniciou-se em sua graduação.

Para Dias, as concepções sobre a forma linguística e sobre as condições de agregação entre as formas configuraram-se em um passo decisivo para o desenvolvimento de sua abordagem semântica e de sua compreensão da forma e das relações linguísticas. Para tanto, na formulação de uma linha de estudos estável e em desenvolvimento, a noção de memória e o funcionamento móvel das formas são aspectos que foram se constituindo como primordiais para o estabelecimento das redes de sentido, conceito que detalha no primeiro capítulo da obra.

Segundo o autor, a tese principal que se desenvolve em seu domínio de pesquisa é a de que “há uma dimensão de ordem semântica, comumente pouco explorada nos estudos sintáticos, que é relativa ao papel de fatores enunciativos na elaboração das unidades linguísticas em articulação” (DIAS, 2018, p.11). Logo, tratou o autor de levantar os delineamentos da significação a partir da análise da arquitetura da construção nominal, destacando a constituição das regularidades estruturais. Desse modo, as razões enunciativas da constituição da formação nominal estão centradas na ordem da materialidade do dizer, o que desloca a sua abordagem de uma ancoragem estruturalista, comum no âmbito dos estudos enunciativos, para uma leitura materialista deste tipo de construção.

Na constituição da obra, o linguista divide o seu percurso investigativo em cinco momentos (capítulos), que são: “Formas e relações linguísticas na abordagem enunciativa: fundamentos”, “O papel da forma linguística na Semântica da Enunciação”, “Articulações subnominais e intranominais”, “Articulações internominais” e “Identities de língua e linguagem: análises de formações nominais”.

Em “Formas e relações linguísticas na abordagem enunciativa: fundamentos” busca-se determinar os contornos teóricos e metodológicos de categorias e conceitos fundamentais para a compreensão de sua abordagem dos fatos de linguagem e, de forma específica, da constituição das formas nominais. Para o autor, é basilar se pensar que “as formas de dizer se vinculam às formas de significar” (DIAS, 2018, p.15), isto é, as formas da língua devem ser sempre pensadas no domínio da constituição dos sentidos.

Na instituição desta máxima, significar é sempre relacionar, portanto, significação, enunciação e articulação são elementos que constituem uma conexão fundamental para o estabelecimento de sua tese. Do corpo de concepções discutidas neste capítulo, vemos sobressair uma visão sobre “os domínios de mobilização do sentido”, conceito que fundamenta as razões enunciativas da articulação e que percorre as análises realizadas em todo o livro.

De acordo com Dias, “a significação nunca é algo pronto, definitivo, algo que as formas de expressão apenas reproduzem” (DIAS, 2018, p. 21), então, o homem precisa significar o tempo todo. A significação, desse modo, está ligada a certo dinamismo preeminente em cada gesto de construir e de interpretar as formas de expressão. Ao analisar a “Estátua equestre de D. Pedro I”, no Rio de Janeiro, por exemplo, o autor nos mostra o funcionamento da significação por meio do, já citado, domínio de mobilização. Conceito pelo qual nos mostra que são as articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa.

Visto isso, compreende-se que o gesto de significar tem um lado individual, porque precisa da elaboração das expressões de um sujeito determinado, e um lado social, porque é motivado e direcionado para outros membros de um grupo social. Dessa forma, os modos representativos de expressão são históricos, compartilhados e expostos à diferença numa sociedade, num território determinado, como Dias nos mostra em suas análises.

Avançando na determinação dos conceitos, o autor nos apresenta a sua compreensão de enunciação. Filiado aos pressupostos de Guimarães (2017), temos, como primeira delimitação, que “a enunciação é a produção dos sentidos na linguagem” (p. 26). Assim, o autor se atenta ao movimento de olhar a linguagem para enxergar a

enunciação, a produção de sentidos, e se questiona: como realizamos um olhar, com vistas a compreender a constituição do sentido por meio da enunciação?

O pesquisador nos apresenta, então, a partir de uma análise sobre a expressão “Cruzeiro do Sul”, que o que se extrai do olhar é aquilo que os olhos veem, na medida em que é um ponto de vista inscrito no discurso religioso que proporciona a existência dessa constelação para nós. Isto posto, “a perspectiva da existência, concebida pela enunciação, se configura pela relação entre uma demanda do presente do enunciar e os referenciais históricos da significação que direciona esse olhar” (DIAS, 2018, p. 30).

As formas de significação, nesse sentido, são qualificadas na enunciação, pois é nesta que se observa como os domínios de mobilidade do sentido se alicerçam. Assim, é pela tensão simbólica entre o significar e o já significado que as formas de linguagem se constituem. Ao refletir sobre as formas de expressão e como são passíveis de receber a determinação de domínios de mobilidade capazes de qualificá-las enunciativamente, Dias (2018) nos propõe o conceito de redes enunciativas, que visa a desenvolver “o conhecimento do funcionamento da língua na produção do sentido” (p. 31).

Para exemplificar sobre isso, o linguista analisa o enunciado “o medo impede as pessoas de serem felizes”, inscrito em um muro, atentando-nos ao fato de que as relações visíveis do enunciado são dependentes de outras relações que não estão visíveis (enunciativas), ou seja, o conceito de redes enunciativas nos permite “demonstrar que uma estruturação formal pode ser enunciativamente permeada por dimensões diferentes da significação” (DIAS, 2018, p. 35). As redes enunciativas são, portanto, procedimentos de demonstração “das relações entre unidades articuladas, por meio de semelhanças e diferenças entre construções linguísticas” (DIAS, 2018, p. 36).

Um deslocamento fundamental realizado neste capítulo do livro diz respeito ao conceito de forma linguística. Diferentemente da abordagem estrutural das formas articulatórias, para Dias (2018), “uma forma linguística constitui-se como tal na conformação de unidades às regularidades da língua, tendo em vista o seu acionamento enunciativo” (p. 37). Nessa direção, a articulação de uma forma linguística é significada pelos domínios sociais da mobilidade de

sentidos, considerando-se os referenciais históricos e a sua relação de pertinência com outras formas, “constituindo unidades de significação mais amplas” (p. 38). Assim, a “forma linguística pode ser compreendida como fato linguístico” (p. 38).

A fim de exemplificar o funcionamento simbólico das articulações das formas linguísticas, o autor realiza três análises, que mostram diferentes movimentos de pertinência do dizer na sociedade. Na descrição das formas linguísticas, conseqüentemente, é fundamental estabelecer as redes enunciativas, as quais evidenciam os referenciais históricos do que se diz, não pelo viés intencionalista ou contextual, mas por uma apreensão enunciativa e materialista.

Entra em cena, então, o conceito de domínio de mobilização, o qual percorrerá as análises realizadas em toda a obra. O conceito de domínio de mobilização é o que Dias chama de “fundamento das razões enunciativas das articulações linguísticas”. Ao mobilizar este conceito para a compreensão dos modos de articulação, vemos que o semanticista propõe um deslocamento fundamental na sua abordagem das formas linguísticas, que passam a ser defrontadas pela sua natureza semântico-enunciativa e não apenas formal. É isso o que vai fazer com que o conceito de articulação ganhe especificidade ao longo da obra, principalmente, quando mobilizada pelas categorias de referencial histórico e pertinência enunciativa.

Em “O papel da forma linguística na Semântica da Enunciação”, segundo capítulo do livro, Dias (2018) constitui um percurso sobre a forma linguística tal como esta fora estabelecida no âmbito dos estudos da enunciação, no Brasil e na França, por autores como Benveniste, Ducrot, Achard e Guimarães. Para o autor, a enunciação é concebida na mesma perspectiva instaurada por Guimarães (2005): é o “acontecimento da produção do sentido”, ou seja, a produção de sentido de uma forma linguística resulta sempre de uma “relação entre um campo de memória e uma atualidade do dizer”.

Nesse sentido, a passagem entre os domínios lexical e gramatical mantém dependência com a relação entre os espaços sintaticamente constituídos e os itens lexicais, ao mesmo tempo em que se pressupõe uma relação de caráter interdiscursivo. Nas palavras do autor, “fazer análise sintática é uma tarefa mais ampla do que apenas reconhecer o complemento verbal numa sentença”, pois implica a constituição de lugares referenciais para a efetivação do gesto analítico.

Na caracterização da identidade da forma linguística, há uma dimensão enunciativa que é afetada pelo simbólico, portanto, a identidade da forma linguística é constituída, também, por uma memória que é de ordem social e histórica. O semanticista, então, percorre os trabalhos de Blanche-Benveniste e Berrendonner, os quais também concebem a tese de que “a forma linguística, configurada na sintaxe, encontra sustentação numa memória” (p. 91), para afirmar que “os lugares sintáticos dos enunciados contraem relações de apontamento, relacionando um campo de memória à atualização do enunciar” (p. 93).

A fim de esboçar uma compreensão desta proposta, Dias (2018) vai se deter aos conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa, visto que, para o autor, “a relação entre referenciais históricos e pertinências enunciativas faz da enunciação um acontecimento social” (p. 97), logo, apreendemos que o conceito de domínio de mobilidade é atravessado por esta máxima.

No que se refere ao referencial teórico, o autor nos apresenta que os nossos dizeres (o que dizer, o que não dizer, como dizer) adquirem identidade social pelo funcionamento dos papéis sociais que assumimos e que nos afetam historicamente. O autor filia-se mais uma vez aos pressupostos de Guimarães (2017) para afirmar que “o dizer se faz pertinente nas práticas de linguagem cotidianas quando uma demanda do presente produz relações com memoráveis de outros dizeres” (p. 101). Portanto, o conceito de referencial histórico tem raiz em um suporte institucional do dizer, por isso, há um funcionamento histórico-social que é constitutivo da razão enunciativa das relações linguísticas.

Já o conceito de pertinência enunciativa, também explicitado neste capítulo do livro, diz respeito a uma demanda do presente do acontecimento em que funciona determinada forma linguística. Ou seja, “as respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as respostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo” (DIAS, 2018, p. 103).

Por meio do conceito de pertinência e referencial histórico, vemos que a constituição formal de um enunciado, suas formações articulatórias, se estabelece tanto em relação aos recortes da memória da significação, quanto da demanda de um presente.

Dias (2018), em seguida, observa duas classes de conformações – as interativas e as de articulação. As conformações interativas dizem respeito à “injunção a tipologias elocutórias” (p. 105), assim, nas relações de interlocução, os “enunciados recebem injunção dessas forças que situam o dizer em ações de proferimento socialmente identificáveis” (p. 105). Já as conformações de articulação tratam da injunção a tipologias de adequação comunicativa, o que inclui tanto os domínios discursivos, quanto os gêneros de texto (p. 106).

Para exemplificar o funcionamento dos conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa, o linguista analisa três ocorrências virtuais, recortadas de três campos discursivos distintos: o midiático, o religioso e o linguístico-filosófico. Por meio da descrição das cenas em análise, compreendemos que “é nos campos de enunciação que os enunciados adquirem pertinência uns em relação aos outros, tendo em vista um referencial” (DIAS, 2018, p. 110). A significação de um enunciado, por conseguinte, é afetado por domínios de mobilização na medida em que aponta para uma identidade histórica dos enunciados, que são submetidos a uma identidade que é social e que traça “uma relação de pertinência com outros no campo de enunciação” (DIAS, 2018, p. 111).

No capítulo III, intitulado de “Articulações subnominais e intranominais”, o autor inicia uma explicitação mais direta e detalhada sobre as relações linguísticas constitutivas da nominalidade. No que se refere àquelas, Dias nos faz refletir sobre como os enunciados fundadores de um nome se alicerçam em contextos caracterizados por enunciados descritivos e definidores da constituição de um nome. As articulações subnominais, desse modo, resultam desta relação entre o nome e estes enunciados que o sustentam efetivamente ou virtualmente.

Já as articulações intranominais constituem-se em uma dimensão em que as articulações entre constituintes se ancoram formando unidades de natureza conjuntiva. No entanto, na proposta do semanticista, a relação entre referencial teórico e pertinência enunciativa, constituintes do seu domínio de mobilidade, é fator determinante para explicar a articulação constituída, o que faz de sua proposta inovadora, se comparada ao que nos apresenta, geralmente, a morfologia estrutural.

No capítulo IV, o autor explora o domínio das articulações internominais, que são estabelecidas na relação entre o nome (núcleo) e os determinantes convergentes, enfatizando os convergentes adjetivais como resultantes dos grupos nominais. A contribuição desta formulação pode ser observada pela forma como o domínio de mobilidade é determinante para a compreensão das razões pelas quais os nomes se articulam com outros nomes para significar associadamente uma unidade mais ampla.

Para tanto, o semanticista mobiliza o conceito de reação, com o intuito “de produzir mais um esteio para o conceito de formação nominal” (DIAS, 2018, p.159). Atualizando uma conceptualização realizada pelo estruturalista Charles Bally, para quem “as estruturas linguísticas se constituem como reação a representações já constituídas enunciativamente” (p.166), para Dias, “o dizer é uma reação à representação, ou representações, de uma entidade, não uma reação direta à entidade” (DIAS, 2018, p. 166). No âmbito desta abordagem, “a razão enunciativa de uma construção nominal diz respeito à mobilidade de definição de um estado de referência que precede a estruturação” (DIAS, 2018, p. 172).

A partir de análises de formas nominais constituídas por vocativos, apostos e convergentes adjetivais, o autor nos apresenta o conceito de formação nominal, deslocando a relação entre forma linguística, concepções de mundo e modos de expressão para uma abordagem enunciativa, na qual as regularidades linguísticas da formação nominal são observadas em razão da relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa do dizer. Desse modo, Dias (2018) não nega a caracterização morfossintática da nominalidade, mas defende que o “caráter enunciativo das articulações nominais é decisivo para a compreensão das articulações no âmbito do grupo nominal” (p. 212).

Nas análises efetivadas, tanto no capítulo III, quanto no capítulo IV, a noção de domínio de mobilidade se estabelece como a mola propulsora das formas de articulação apresentadas. Estabelecido na relação entre o referencial teórico e a pertinência enunciativa, o domínio de articulação permite um deslocamento na abordagem dos estudos da unidade nominal, como geralmente se observa na gramática estrutural, e contribui com uma reflexão original e colaborativa para com a descrição linguística de um nome, pensando-o como unidade de sentido, constituindo-o enunciativamente.

Nessa direção, o conceito de formação nominal é o que busca explicar as razões enunciativas da articulação de um nome nas três dimensões analisadas. Para tanto, o autor mobiliza o conceito de redes enunciativas, constituídas para se extrair os referências históricos em atuação na relação com a pertinência enunciativa da unidade no enunciado.

Em “Identidades de língua e linguagem: análises de formações nominais”, o autor toma como tema de estudo das formações nominais “a língua” e “a linguagem”, rememorando elementos que já se fizeram presentes em outros estudos do autor e destacando novas formações: “língua nacional”, “língua pátria”, “língua do Brasil”, “língua brasileira”, “linguagem cidadã” e “linguagem ininteligível”. Por meio de quatro estudos em torno da língua e da linguagem, as análises demonstram que o conceito de formação nominal apresenta um potencial relevante para os estudos em semântica, principalmente, quando posta em ótica enunciativa.

Especificamente ao tratamento dado à formação das unidades nominais analisadas no capítulo, vemos um funcionamento opaco das relações linguísticas, os quais não prescindem das regularidades estruturais, mas que são estabelecidas por meio de uma arquitetura advinda da materialidade. Logo, estas formas constituem-se por um presente do dizer que recorta elementos de uma memória nacional e que são postas em articulação.

Como conclui Dias (2018), o percurso investigativo apresentado em *Enunciação e Relações Linguísticas* teve o propósito de “analisar as relações linguísticas a fim de verificar o papel da enunciação na configuração de suas unidades” (p. 251). Para tanto, a nominalidade foi estudada em três dimensões: articulações subnominais, intranominais e internominais, sendo as noções de domínio de mobilidade e de formação nominal categorias fundamentais para a determinação de uma proposta enunciativa sobre as formas em análise.

Segundo Dias (2018), a sustentação teórica do seu trabalho passa pela concepção de que “a significação se instala entre o já significado que o acionamento da língua evoca e o que se apresenta no presente da enunciação para significar” (p. 253). Visto isso, o autor nos mostra que há um funcionamento da temporalidade que é imprescindível para

a determinação da produção de sentidos na constituição nominal, o que o autor demonstra pelas relações de articulação.

O presente da enunciação, assim, é sempre significado por uma memória, pelo que se constitui em outros tempos e que significa uma forma de dizer. Há uma determinação materialista que atravessa a abordagem enunciativa dada ao funcionamento da articulação na obra de Dias, e é este deslocamento que contribui para com uma reflexão diferenciada, em termos de descrição e de funcionamento, sobre as unidades nominais.

Ultrapassando as barreiras do que geralmente se apresenta sobre as unidades nominais da língua, tratadas pelos estudos gramaticais por uma ótica estritamente referencialista, em *Enunciação e Relações Linguísticas* as unidades nominais interessam aos estudiosos da linguagem na medida em que elas significam, se temporalizam, logo, há uma historicização destas formas que é sempre pertinente de ser estudada.

Enquanto reflexo de um vasto percurso de investigação, o livro em tela estabelece uma incursão sobre as articulações linguísticas que contribui de forma original com o âmbito dos Estudos Linguísticos, tanto pela caracterização do ponto de vista que vai olhar o funcionamento das relações de articulação na nominalidade, pouco explorado no âmbito dos estudos sintáticos, que é o da semântica enunciativa, quanto pela constituição de contornos teóricos fundamentais, como os de referencial histórico e pertinência enunciativa, responsáveis por mostrar que a arquitetura da formação nominal está centrada na ordem da materialidade do dizer.

Referências bibliográficas:

DIAS, Luiz Francisco. **Os sentidos do idioma nacional:** as bases enunciativas do nacionalismo linguístico no Brasil. Campinas: Pontes, 1996.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Relações Linguísticas.** Campinas: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da Semântica:** sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

Notas

* Doutorando em Linguística - IEL/UNICAMP. Docente do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – UEG.